

Leite

Desafios da rentabilidade

Glauco Rodrigues Carvalho*
Aryeverton Fortes de Oliveira**

A PRODUÇÃO de leite está distribuída por todo o País e a heterogeneidade do processo produtivo é marcante. Os produtores especializados investem em tecnologia, usufruem das economias de escala, diferenciam o produto e recebem mais pela qualidade do volume produzido. Eles estão concentrados em bacias leiteiras tradicionais nos estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Fazem parte desse conjunto pequenos produtores distribuídos por todo o território nacional, que vivem da renda gerada na atividade, vital para a agricultura familiar.

Dados municipais de produção de leite do IBGE, de 2004, mostram a imensa pulverização da produção em mais de 5.400 municípios. O maior produtor de leite foi o município de Castro, no Paraná, com 117 milhões de litros (0,5% da produção nacional). Os 100 municípios de maior produção representam somente 18,8% da produção do Brasil.

No período de 1995 a 2004, a distribuição espacial do rebanho bovino mudou. As criações deslocaram-se para a Região Norte, principalmente para os estados do Pará e de Rondônia, devido à abertura de novas áreas por jovens produtores originários de famílias do centro-oeste e sul do Brasil, com experiência na produção de leite. Em contrapartida, o sudeste registrou redução do rebanho. A queda em São Paulo foi devido à expansão da área cultivada com cana-de-açúcar. Em Goiás (15,7%), face o crescimento da avicultura, suinocultura e produção de grãos, e no Mato Grosso do Sul (27,2%), em função da expansão da área de grãos.

Os produtores convivem com um período adverso de rentabilidade. O preço do produto não acompanha a elevação dos preços de alguns insumos essenciais. Esse aperto de margem estendeu-se também para os laticínios e o próprio varejo.

Pecuária de leite – de 2000 a 2005

| Índice de preço | Variação % |
|-----------------|------------|
| Pago | 91,3 |
| Recebido | 63,5 |

Fonte: FGV

No período de janeiro a agosto de 2006 houve queda de 15,0% no preço nominal médio do leite recebido pelo produtor em relação ao mesmo período de 2005. O Índice de Relação de Troca (IRT), equivalente à razão entre o IPR e o IPP, recuou 15,2% nos primeiros cinco meses de 2006 em relação ao mesmo período do ano passado.

O excesso na oferta de leite, um fenômeno recorrente na atividade, provoca margens negativas. A falta de mecanismos de garantia de renda contribui para a instalação de uma situação desanimadora. Posteriormente, surgem os períodos de escassez de leite e acentua-se a disputa entre as empresas na captação. Os preços pagos sobem e a fidelidade dos produtores com as cooperativas fica abalada. Há instabilidade no sistema.

A concentração crescente do mercado na indústria e no varejo enfraquece o poder de negociação já reduzido dos produtores de leite, sobretudo em períodos de oferta abundante. Os produtores que entregam o leite para cooperativas ou que

formam associações, em geral, têm poder de barganha e resultados relativamente melhores nos momentos de crise.

Como a produção de leite brasileira é direcionada, predominantemente para o mercado interno, a fragilidade do crescimento econômico nacional prejudica um avanço maior do consumo.

Excetuando o período imediatamente posterior ao Plano Real, quando o poder de compra das famílias mais pobres subiu, o consumo *per capita* de lácteos segue estagnado, no patamar médio de 130 litros por ano. Seria necessário um crescimento mais robusto da economia, acompanhado de melhoria de renda nas classes mais baixas, que responde mais intensamente aos incrementos de renda na demanda de leite, para alterar esse quadro.

Como o desempenho da economia brasileira, neste ano, segue aquém das expectativas iniciais, a expansão da demanda por leite será prejudicada e a margem de rentabilidade do produtor deverá ficar abaixo do patamar médio de 2005.

| Previsão do PIB nacional – 2006 | |
|---------------------------------|-------|
| Janeiro | 3,5% |
| Setembro | 3,11% |
| Novembro | 2,95% |

Fonte: BACEN

No âmbito das exportações, há uma forte preocupação com a valorização da taxa de câmbio, que pode inviabilizar a continuidade dos atuais contratos. Houve desaceleração no ritmo dos embarques, com o saldo mensal em declínio nos últimos de acordo com o movimento da entressafra.

O desafio do setor privado de base nacional consiste na implementação de estratégias mais agressivas na internacionalização das empresas ou na participação em feiras e na busca por parceiros internacionais.

A Instrução Normativa 51 (IN 51) apresentou uma mudança significativa no setor, em prol da qualidade dos produtos e da aproximação dos padrões internacionais. As empresas passaram a pagar diferenciais pela qualidade do leite, com base na Contagem Bacteriana Total

(CBT), a Contagem de Células Somáticas (CCS), o Extrato Seco Desengordurado (ESD) e a Proteína Total.

O produtor rural responde com uma melhoria acelerada na qualidade do leite, com base em atributos microbiológicos. Os próximos passos são o manejo nutricional e o melhoramento genético dos animais para aumentar o percentual e o total de sólidos no leite produzido.

O Brasil, ao lado da Argentina, Austrália, Índia, China, Polônia e Ucrânia, para ficar em alguns exemplos, são países com grande competitividade em custo de produção. Seus custos em geral ficam abaixo de 0,23 centavos de dólar.

Boa parte dos países da União Européia tem custo de produção acima de 0,37 centavos de dólar. Sua competitividade é assegurada por volumosos subsídios e outras formas de proteção de mercado. O apoio aos produtores de leite representa 36% da receita bruta com o produto, mas esse percentual já foi superior a 50%, de acordo com a Organization for Economic Co-Operation and Development (OECD, 2005).

Mundo: tendências na produção de leite (Horizonte 2006 a 2015)

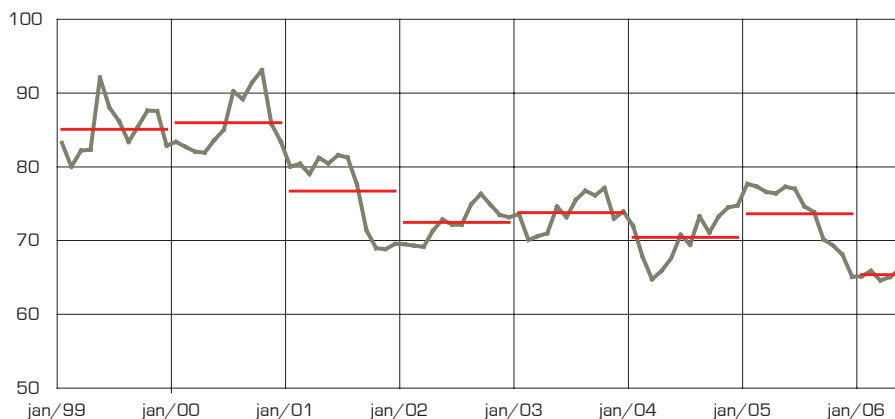
- Produção passa de 632 para 732 milhões de toneladas;
- Taxa de crescimento: 15,9% no período e 1,48% por ano;
- Maiores expansões verificadas na China, Argentina e Índia;
- União Européia e o Japão permanecem estagnados;
- Brasil: crescimento de 22% na produção.

Fonte: OECD e FAO

A inserção internacional é um enorme desafio para a pecuária leiteira mas, além das questões ligadas ao protecionismo comercial, precisamos avançar em nossas competências, tais como;

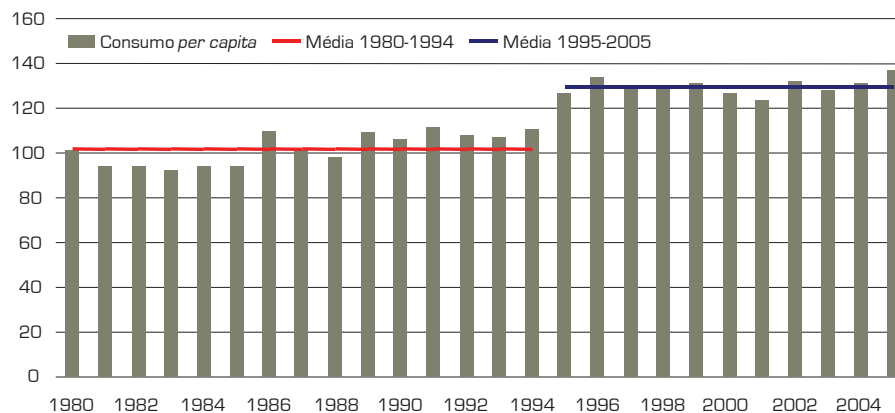
- Investimentos produtivos;
- Melhoria na infra-estrutura;
- Maior sustentabilidade da produção;
- Aumento na qualidade e inovação dos produtos.

Índice de relação de troca na produção de leite (1996 = 100)



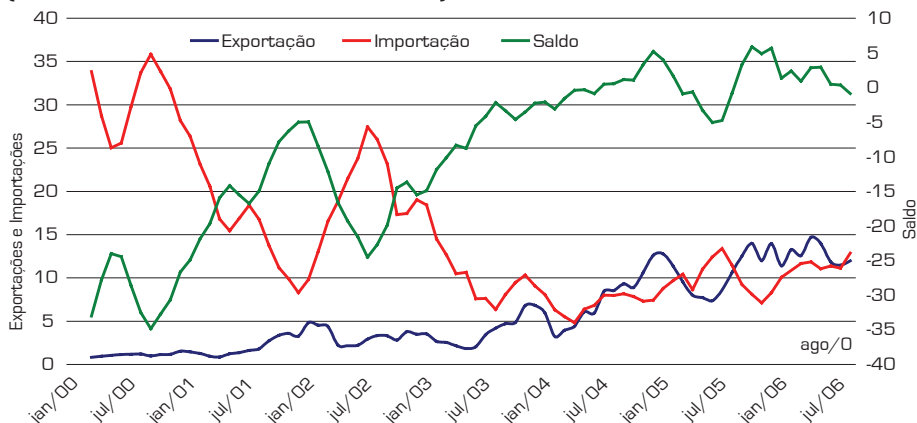
Fonte: Fundação Getúlio Vargas (2006); Instituto de Economia Agrícola (2006)
Metodologia e elaboração dos autores

Brasil: consumo per capita de leite (litros/hab)



Fonte: CNA, OCB/CBCL, Leite Brasil e Embrapa Gado de Leite

Evolução da balança comercial de lácteos (US\$ milhões - média móvel 3 meses)



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (2006)

Balança comercial fica negativa

Desde 2004, os produtores brasileiros reverteram um longo quadro crônico e adverso na balança comercial de leite e laticínios. Pela primeira vez na história, o Brasil fechava com superávit. Em 2003 o quadro era diametralmente oposto, com um déficit de US\$ 64 milhões. Novamente, em 2005, o resultado foi positivo. Apesar de exportar apenas 1,5% da produção, o superávit chegou a US\$ 9,0 milhões. Para 2006, diante dessa retrospectiva favorável, a expectativa era favorável, com um saldo de US\$ 10 milhões. Para os próximos anos, a meta era exportar de 5% a 7% da produção.

Os números não são ambiciosos, quando se tem que em relação ao volume produzido, as exportações chegam a 76% na Nova Zelândia, 44% na Austrália e 38% na Alemanha. Os sete maiores exportadores da Europa – Alemanha, França, Holanda, Bélgica, Reino Unido, Irlanda e Dinamarca, exportam anualmente 40 bilhões de litros de leite. A Nova Zelândia, em cima da agregação de valor nos derivados lácteos, arrecada quase US\$ 5 bilhões por ano.

Infelizmente, os números deste ano deverão frustrar as projeções iniciais. O balanço pode voltar para o vermelho. Com apenas metade do previsto, o desempenho das exportações está fraco, enquanto as importações crescem. Dados da Companhia Nacional de Abastecimento e da Secretaria de Comércio Exterior, de janeiro a outubro, indicam empate de US\$ 122 milhões entre as exportações e as importações.

Mesmo com queda nos preços, a produção deve crescer em até 3%, contra 12% no ano passado. O quadro não é alentador para 2007, com o aumento nos preços das commodities como soja e milho. Uma subida de 10% gera custo de 4% para os produtores. Os dois produtos representam 40% dos custos totais dos produtores.

Já a safra de 2005 foi marcada por um grande crescimento da produção de leite. A larga oferta derrubou os preços nos meses de dezembro de 2005 e janeiro de 2006. O maior indício de que a capacidade

de captação ficou bem apertada no pico da safra é demonstrada no cotejamento entre os volumes de dezembro (em 2005 ficou apenas 1,8% acima do de 2004) e de abril (em 2006 superou em 18% o de 2005), justamente um dos meses de ociosidade da indústria e maior condição para absorver um incremento na oferta.

Embora o produtor amplie a produção, o consumo interno não passa de 65% da ingestão de 200 litros por ano recomendada pelo guia de alimentação. Essa diferença corresponde a uma demanda adicional de 9 bilhões de litros por ano. A saída pelas exportações fica complicada devido à perda de competitividade do produto, com a elevação de custos e a valorização do real em relação ao dólar.

Os produtores estão conscientes dos obstáculos existentes ao longo da cadeia produtiva, apesar do aumento de produção e do avanço da qualidade do leite. Gestão, clima e mão de obra são problemas rotineiros na produção. Uma cabeça de gado produz 1,4 mil litros por ano. Nos Estados Unidos, o índice é de 8,9 mil e na Nova Zelândia de 3,7 mil. A produção poderia triplicar somente com o aumento da produtividade.

Do lado institucional, existem a guerra fiscal entre os estados, a necessidade prover as políticas de defesa sanitária e de rastreabilidade. O setor terá de busca de acordos sanitários com novos importadores. Um exemplo bem-sucedido foram os trabalhos desenvolvidos com o México, grande importador de leite.

A ampliação da capacidade de processamento da indústria é sempre uma estratégia interessante pois eleva o consumo de matéria prima. O Rio Grande do Sul elevou a captação em 14% neste ano, ante os 2,4 bilhões de litros captados no ano passado. Além dos investimentos anunciados por empresas como Nestlé, Embaré e Danone, destaca-se a corrida das cooperativas: a Coorlac, de Erechim (RS), anunciou aporte de R\$ 30 milhões em uma fábrica na região e a CCGl, da Avipal, investe R\$ 90 milhões em uma fábrica em Cruz Alta (RS).

O Brasil é o 7º produtor mundial de leite de vaca, com cerca de 23,3 milhões de toneladas produzidos em 2005, segundo dados da Food and Agriculture Organization (FAO). Os Estados Unidos ocupam a primeira posição, com 80,2 milhões de toneladas por ano, seguido pela Índia, com 38,5 milhões de toneladas por ano.

De 1995 a 2005, no mercado mundial de leite:

- A participação na produção diminuiu de 41% para 38,1% entre os cinco maiores países produtores e de 56,4% para 55% entre os 10 maiores países produtores;
- Perderam participação: Rússia, Ucrânia e membros da União Européia;

- Houve forte incremento na oferta da China (303%), Nova Zelândia (58%), Índia (44%) e Brasil (37%).

O Brasil possui boas perspectivas de avançar no *ranking* dos produtores mundiais e tornar-se um grande exportador de lácteos, devido à sua competitividade. Terá crescimento acima dos da Nova Zelândia e Austrália. A população da China e da Índia juntas atingirão quase 3 bilhões de pessoas em 2050. E esses países carecem de alimentos. Quem chegar antes, e australianos e neozelandeses já chegaram, dominará um grande mercado para lácteos e estabelecer-se-á como líder mundial. Há oportunidades também na Rússia, nos países árabes e africanos.

Além disso, conta com um mercado interno de dimensão continental, mas cujo consumo *per capita* avança lentamente e não suporta incrementos maiores de oferta. No relatório Doing Business 2007, do Banco Mundial, que avalia a qualidade do ambiente de negócios ao redor do globo, o Brasil figurou em 121º lugar entre 175 países. Portanto, é preciso avançar na agenda de reformas e criar um ambiente para proporcionar crescimento mais robusto da economia e melhoria de renda. ■

* Economista e pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite

** Economista e pesquisador da Embrapa Gado de Leite